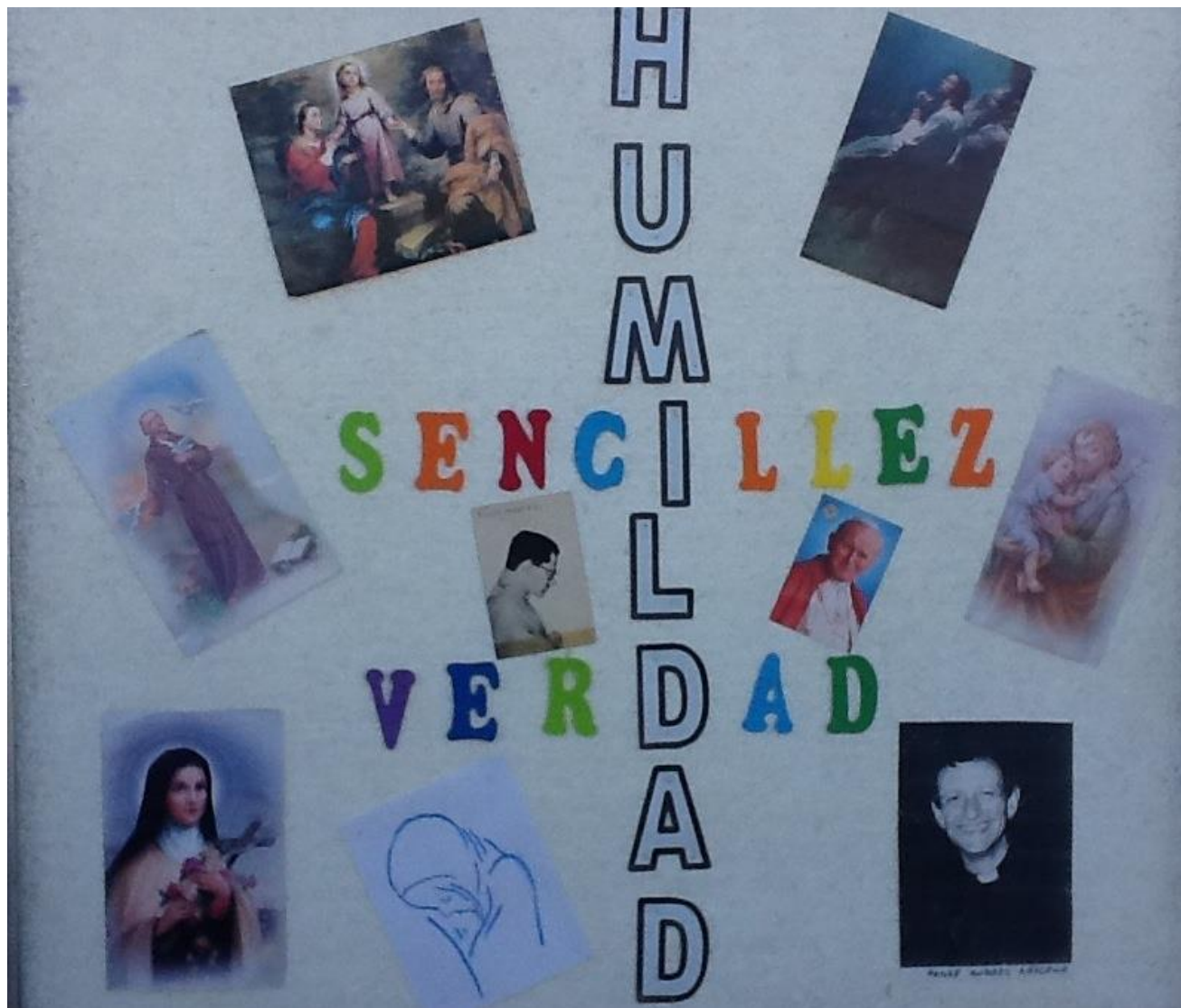


Humildade. Simplicidade, Verdade



13/01/13, Batismo do Senhor.



Leituras: Is 40, 1-5, 9-11; Sal 103, 1-4, 24-30; Tit 2, 11-14; 3, 4-7; Lc 3, 15-16, 21-22

INTRODUÇÃO

Neste contexto de resplendor da Epifania, contemplamos a Cristo, no domingo passado, dando mostras de sua divindade ao ser adorado pelos magos do Oriente (Cf Mt 2,11), e no anúncio dos pastores de que o anjo lhes havia anunciado que tinha “*nascido o Messias na cidade de Davi*” (Lc 2,17). E ainda, no próximo domingo, estaremos contemplando a Jesus realizando seu primeiro milagre em Caná da Galiléia, com o qual “*manifestou sua glória e seus discípulos creram nele*” (Jo 2, 1-11). E hoje celebramos outro dos grandes momentos de manifestação e de demonstração das “credenciais” divinas de Cristo: seu batismo no Jordão pelas mãos de João, a quem se chamou Batista.

Em meio de tanto resplendor e manifestações de Deus, de teofanias ou manifestações do Sagrado, em meio a tudo isso, hoje contemplamos especialmente a Jesus entre a multidão fazendo fila, colocando-se ali como um a mais para ser batizado. Ali estava o mesmo Jesus a quem os magos adoravam, a quem os pastores reconheciam como Deus, a quem os discípulos veneravam por converter água em vinho, e de quem o próprio Deus disse: “*Tu és meu filho* (Lc 3,22)”, porque Ele sou Eu e Eu sou Ele, diferentes pessoas, mas a mesma divindade. Porém, reitero, em meio a tantas credenciais, de tantos títulos, como dizia São Paulo em sua carta aos Filipenses: “*despojando-se de si mesmo*” (Fl 2,7), se colocou na fila,

porque diz claramente o texto que “*entre as pessoas que se batizavam apareceu Jesus*” (Lc 3,21). Por isso, o Batista se surpreende. Em outro Evangelho, que não lemos hoje, diz claramente que o Batista, ao ver Cristo em meio à fila, “*mas João tentava dissuadi-lo dizendo: ‘eu é quem tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim’? Jesus, porém, respondeu-lhe: ‘deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda justiça’. E João consentiu*” (Mt 3,14-15). E assim, nem mais nem menos, se produziu o grandioso e humilde Batismo de Jesus, quase despercebido para todos que estavam ali.

É Jesus mesmo quem dirá mais adiante: “*Aprendam de mim, que sou manso e humilde de coração* (Mt 11,29)”. Essa característica própria do Senhor, que se transformará em um signo dos cristãos, é a que São Paulo, quando escreve às comunidades, exalta acima das demais virtudes: a humildade cristã. Assim, por exemplo, diz em sua carta aos Efésios: “*os exorto a que vivais com toda humildade* (Ef 4,2)”; também na carta aos Colossenses diz: “ *revesti-vos, pois, como elegidos de Deus, de humildade* (Col 3,12)”; e especialmente na carta aos Gálatas, onde equipara a humildade com a fé (Cf. Gal 5,22). Fé, Esperança e Amor são as três virtudes teologais, as mais importantes, e São Paulo põe a humildade à altura da Fé. Por isso, começamos a Missa nesse espírito, e por isso dizemos que “*antes de iniciar os sagrados mistérios, antes de nos dispormos a receber a Cristo, com a humildade de nossos corações reconhecemos nossos pecados*” (do Ato Penitencial).

Portanto, a humildade está intrinsecamente unida à personalidade cristã, à Fé cristã. E por alguma razão lhes disse

também que é a mãe de todas as virtudes, como os frutos de uma árvore, dela surgiram as demais virtudes: mansidão, paciência, bondade, generosidade; porque a mãe de todas é a humildade. Sem humildade a árvore cairia, seria carcomida pelas traças.

O psicólogo Carlos Gustavo Jung, falando da superficialidade que às vezes caracteriza a era moderna, que se deslumbra com a tecnologia e os avanços da ciência, diz que concomitantemente a isso, cada vez há menos visões, cada vez há menos experiências de Deus; e citando um antigo cacique dos Estados Unidos, disse que hoje em dia não há visões de Deus porque não há humildade. Para receber essas grandes experiências, não há dúvida de que a humildade é como a pista de aterrissagem para que Deus se faça carne em nós: “*olhou para a humildade de sua escrava*” (Lc 1,48) e “*exaltou aos humildes*” (Lc 1,52), dirá Maria Santíssima em seu Magnificat. Portanto, hoje estamos meditando e tratando de submergirmo-nos nesta a humildade cristã, para que nos contagie, já que não nos referimos à humildade meramente humana, como virtude moral, mas especialmente à virtude cristã, ou seja, ao exemplo de Cristo.

I) Fazemo-lo, em primeiro lugar, pela simples consciência de nossa pequenez humana. Se o indivíduo é sincero consigo mesmo, não necessita comparar-se com nada nem com ninguém para constatar sua pequenez, sua insignificância, sua pobreza e seus defeitos. Não é preciso ir a uma terapia, a uma confissão ou a uma aula de catequese para isto, já que, simplesmente com honestidade

intelectual, nos damos conta de nosso pecado; não precisamos que ninguém venha nos dizer. Porém, isto que estou dizendo é o mais escasso, ainda que devesse ser o mais comum.

A primeira forma de humildade é aquela pela qual a pessoa se reconhece pecador, como aquele publicano que dizia: “*Senhor, tem compaixão de mim que sou um pecador!*” (Lc 18,13). E essa frase aparece também no livro russo “Filocalia”, e dentro de um livro de espiritualidade muito bonito de que se intitulado “Relatos de um peregrino russo”, onde a frase é utilizada, em forma de jaculatória, como uma permanente invocação a Deus, sob esta fórmula: “*Senhor, tende piedade de mim que sou um pecador*”. E este sentimento gera grandeza espiritual, porque é cristão, não é depressivo, nem de inferioridade ou de diminuição mental. Ao contrário, o cristão, percebendo sua grandeza, logo reconhece sua pequenez. Curiosamente, os extremos se tocam e nós queremos imitar a Cristo, o maior, Deus, mas que entra na fila para ser batizado no Jordão. Portanto, em primeiro lugar, a humildade surge do conhecimento de si mesmo, da autocrítica, da autoconsciência que cada um tenha do seu próprio pecado, de sua própria baixeza e de sua simplicidade. Além disso, recordemos que a palavra humildade vem do latim “húmus” que quer dizer terra, por isso diz em Gênesis: “*tu és pó e em pó te converterás* (Gen 3,19)”.

II) Em segundo lugar, bem podemos dizer que a humildade surge como oposto, como antídoto ou remédio frente à soberba. A simplicidade espiritual que pedimos é a que Cristo nos mandou ter;

“*Sejam simples como as pombas* (Mt 10,16)”; e de igual modo, na forma de pomba se apresenta hoje o Espírito Santo, sobrevoando o Jordão (Lc 3,22).

A simplicidade da pomba combate precisamente uma tendência muito marcada no ser humano, que não sei de onde vem, talvez de Adão e Eva, que com o pecado original, presumiram estar à altura de Deus e questionaram ao próprio Deus (lhes “subiu pra cabeça”) e disseram: “Deus disse uma coisa, eu digo outra” (Cf. Gen 3,3-6), como se estivessem à altura de Deus!

E assim surge, então, a vaidade, a soberba, a prepotência, o egocentrismo, o egoísmo, o “euzismo” ... Quantas vezes dizemos brincando: “vou te dar um ioiô”! Porém, não para jogar, mas justamente assinalando uma síndrome auto-referencial, já que a única coisa que falas é de ti mesmo. Portanto, a humildade surge como combate a essa tendência que o ser humano tem desde o pecado original, que também carrega essa prepotência ou petulância, dos pequenos que se acham grandes. Já que – como costumam dizer – por trás de um destes “pequenos” se esconde a megalomania como compensação; quando somos pequenos, ou deixados de lado, depreciados ou diminuídos, geramos muitas vezes delírios de grandeza para compensar esses sentimentos.

Mas não é somente para combater a soberba e a vaidade; a humildade vem combater também a falsa modéstia, que às vezes é pior; porque quem te faz acreditar que é humilde ou simples, é justamente quem esconde por dentro juízos cruéis, ácidos, agressivos. É aquele que por dentro opina em tudo, crendo-se

conhecedor de tudo e juiz do mundo; por fora talvez tenha uma modéstia que dá a entender, ou que pareceria ser simples e humilde, mas, no entanto, por dentro julga, opina e critica. E este é muito pior que o soberbo; porque o vaidoso o vemos de frente; é o que diria o Pequeno Príncipe no seu livro naquele capítulo em que há um homem vaidoso que reagia somente aos aplausos ou quando o saudavam com o chapéu. O problema é quando detrás da aparência de modéstia, como “*lobo disfarçado de cordeiro* (Mt 7,15)”, se escondem a soberba, os sentimentos de grandeza e a vaidade; estes aparentemente humildes acabam sendo piores que os vaidosos, porque além de serem soberbos, também são mentirosos, enganadores e trapaceiros. Este é, portanto, o segundo motivo para o qual surge a humildade: para combater estes defeitos, para que não nos “suba à cabeça” por nada.

III) Em terceiro lugar, a humildade surge frente ao próximo. A relação com os demais, também deveria gerar em nós sentimentos de humildade, acreditando que todos são superiores a nós mesmos, mas não para diminuirmo-nos, e sim para imitar, crescer e progredir. E não importa se a outra pessoa é melhor ou pior que nós; isso Deus saberá, a história saberá, mas considerá-lo superior a mim serve para aproveitar o estímulo. Quando penso que a outra pessoa é melhor que eu, isso me serve como motivação; então eu cresço, imito, trato de copiar; ainda que não seja superior a mim, ainda que seja um patife... E o que me importa? Que Deus se encarregue dele e o julgue. Se, em vez de criticar, ultrajar ou caluniá-lo, considero a outra pessoa ou a todos os demais como superiores a mim, é porque nós cristãos

fazemos isso para crescer, para imitar e para aproveitar, porque o que acreditamos ser positivo no outro nos gera crescimento espiritual. Disto fala muito Tomás de Kempis em seu livro “A imitação de Cristo” – que lhes recomendo – no qual permanentemente está sinalizando este fato de considerar o próximo como superior, mas não para encolher-nos ou suportar qualquer coisa, mas para imitá-lo.

Desta maneira, então, não teremos problema com a autoridade, porque o verdadeiro cristão considera que os demais, todos, são superiores a ele. Depois, veremos na relação humana como proceder concretamente, se lhes digo ou não lhes digo, se lhes demonstro ou não, isto será uma estratégia relacional, não há problema; mas em meu interior considero que todos são melhores que eu, todos são superiores a mim, todos me dão ordens e eu estou feliz de obedecer-lhes. Isto é também o que uma boa mãe fará com seus filhos quando nem sempre dirá tudo o que sente em seu coração porque tem que resguardar a autoridade, tem que dar o exemplo, e, ainda quando pense por dentro “meus filhos são melhores que eu”, por exemplo, não lhes diz porque isso não lhes faria bem.

IV) Mas, fundamentalmente, e como diria Santo Inácio de Loyola em uma passagem memorável, a maneira de alcançar a verdadeira humildade é mediante a contemplação da grandeza de Deus, é ali que o ser humano se amplia, se extasia e adora a grandeza de Deus, louvando “sua Divina Majestade” (EE 164). A propósito, esta semana fomos ao lançamento de um livro no qual o autor dizia que somente contemplando a “Rumorosa” – uma majestosa obra da

criação de Deus – a pessoa sentia a grandeza de Deus ou a própria pequenez. O mesmo nos ocorre frente ao mar, frente ao nascimento de uma criança, frente ao surgimento do amor ou da morte, ali quando reconhecemos que somos pequenos frente Àquele que cria, domina, organiza e administra as grandes obras da criação. Esta maneira de contemplar a Deus, e da qual surge a humildade, é a que tinha o povo de Israel, o qual permanentemente experimentava essa humildade ao se relacionar com Deus. O profeta Sofonias dizia que: *“um povo humilde e pobre, no nome de Deus se abrigará (sof 3,12)”*. Judith proclama aquela linda oração antes de decapitar a Holofernes invocando a quem é *“o Deus dos humildes”* (Jud 9,11). O livro dos Números fala de Moisés dizendo que *“era um homem muito humilde, o mais humilde dos homens que havia na terra (Num 12,3)”*. E outra passagem das Sagradas Escrituras diz que *“o povo será humilde e pobre diante de Deus (Cf. I Sam 2)”*.

Por isso também no mural¹, como exemplos da simplicidade e pequenez própria dos humildes, coloquei várias imagens: desde a Sagrada Família, passando por São José, Maria Santíssima e o próprio Senhor, João Paulo II, meu Padre Montes, São Francisco de Assis, Santa Teresinha do Menino Jesus, e até o padre André, porque os que lhe conheceram darão testemunho disto. Não há santo que não tenha sido humilde, isso é óbvio; e poderíamos eleger qualquer um da galeria dos santos que temos e colocá-lo aqui como modelo de humildade, coloquei somente alguns somente, mas, especialmente esse fato de ser a humildade uma característica típica

¹ Exposto na capa.

dos santos é o que nos revela tanto a história do povo de Israel como a tradição da Igreja.

Portanto, o que evidencia a grandeza de Deus é a pequenez do ser humano, e ao mesmo tempo faz brotar do coração a gratidão de reconhecer-nos filhos. Sendo nós tão pequenos em meio a um universo tão grande, sendo tão limitados em meio ao infinito de Deus, Ele nos elegeu para fazer-se homem, e se fez um conosco (Cf. Fl 2,7) em Cristo Jesus.

V) Disto, definitivamente, trata a verdadeira humildade: não somente da consciência de nossos pecados e pequenez frente a Deus, não somente para combater a soberba e a vaidade, mas especialmente para nos unir a Cristo, para sermos como Ele. Santo Inácio de Loyola, na segunda semana dos Exercícios Espirituais, diz que a humildade perfeita se alcança quando o cristão deseja, elege e pede para passar por opróbrios, menosprezos e pobreza por imitar a Cristo. Esse é o orgulho do cristão: poder acompanhar em algo a Cristo, parecer-se com Ele (EE 164).

Por outro lado, nós cristãos queremos ser, a exemplo de Cristo, “*simples como as pombas*”, mas também verazes. A verdadeira humildade não consiste somente em reconhecer nossa pequenez, mas, como Cristo, em reconhecer nossa dignidade. Cristo disse: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6)*”; por ser humilde, não nos esconderia sua dignidade. Então, o verdadeiro humilde também é veraz, não te mente, não te engana, não te encobre o que é, não tapa, não oculta. O homem humilde assim como diz uma coisa, diz

também a outra: “sou o pior de todos”, e ao mesmo tempo, “sou eleito por Deus”, e não treme a mão por afirmar nem uma coisa nem a outra, nem para reconhecer meus pecados e nem para reconhecer as graças que Deus me deu. Sou eleito por Deus para conduzir um povo? Claro que sim, se Deus me consagrou! Qual é o problema? Porque o cristão não mente, diz a verdade a exemplo de Cristo. Santa Teresa de Ávila disse que “*a humildade é andar na verdade* (Castelo Interior, Sexta Morada, X)”.

E às vezes, psicologicamente falando, é mais difícil reconhecer as qualidades, talentos e graças que se tem do que reconhecer as debilidades. Porque quando a pessoa reconhece o talento, a vocação ou as qualidades, deve colocá-las em prática; e quem não fizer assim será acusado de covarde ou inútil, e a história e sua consciência o julgarão, ou melhor dizendo, Deus o julgará. Como no caso do homem daquela parábola a quem havia dado um talento e, por medo, o enterrou, o ocultou, o tapou (Cf. Mt 25,15). Reconhecer que se é capaz de algo é mais difícil, porque se corre o perigo da soberba e, além disso, o risco de que te peçam algo; reconhecer, por exemplo, que ganhou na loteria, que te aumentaram o salário ou que recebeste um presente, implica que talvez te digam: “Ah, perfeito! Não tens aí um dinheiro para me emprestar?”. Então, para evitar emprestar ou dar, escondemos; enquanto quem é verdadeiramente humilde é veraz.

Santo Agostinho dizia que a humildade é o sinal típico de Cristo e onde há humildade há caridade, há amor. Também Padre Montes dizia que o caminho espiritual começa com a humildade, com as pequenas coisas, sacrifícios, trabalhos, compromissos e renúncias

que a pessoa faz e que talvez ninguém se dê conta, mas somente Deus. A humildade é também o “caminho espiritual” de Santa Teresinha do Menino Jesus. Teresinha edificou sua espiritualidade – e hoje a veneramos como santa e doutora da Igreja – nas pequenas coisas; não nas grandes, não saiu de seu convento. Ela escreveu umas poucas páginas, as quais logo colocamos o título de “História de uma alma”. “E o que mais fez?”, perguntarão alguns críticos da Igreja, e lhes responderei: “Amou a Deus plenamente, perfeitamente, até a morte. Não sei se te parece suficiente!”. Essa santa é a que transformou o mundo, transformou a Igreja e é uma das três doutoras que temos, junto à Santa Teresa de Jesus e a Santa Catarina de Sena. O que fez? Pequenas coisas: um detalhe, um sacrifício, um gesto de caridade, um perdão. Disto falava meu Padre Montes, mestre espiritual e santo, a quem também coloquei no mural. Ele dizia que esta “pequena humildade” era como a matéria prima do que ele chamava “o que mais”, se referindo aquilo que impulsiona o crescimento espiritual e a santidade. E mais, disse meu Padre Montes, que quando a pessoa tem a vivência e o amor de Cristo, surge na alma a humildade amorosa como consequência da relação com Deus.

Portanto, não existe santo que não tenha falado da humildade e não há santo que não tenha sido humilde precisamente nesse caminho de identificação com Cristo; e como Santo Inácio dizia, e Santa Teresinha repete permanentemente, a imitação de Cristo consiste em imitá-lo especialmente no caminho da Cruz, da simplicidade, da humildade e da verdade.

VI) E tudo isso para, finalmente, concluir que o destino, o futuro e a meta dos humildes é a vida eterna, é a bem-aventurança. Porque Jesus disse que “*Quem se humilha será exaltado (Lc 18,14)*”, e “*bem-aventurados os humildes, porque eles possuirão a terra (Cf. Mt 5,4)*”. Embora a palavra grega que Matheus utiliza seja “*praus*”, que se traduz muitas vezes como “manso”, esta bem-aventurança utiliza uma frase do salmo 37,11 que diz “*os humildes possuirão a terra*”; portanto, se pode traduzir desta maneira, como geralmente se faz: “*Bem-aventurados os humildes porque eles possuirão em herança a terra*”. E, logicamente, o Apocalipse, o livro do juízo final, da Parusia, o livro do fim do mundo, revela em várias oportunidades como os humildes, os que lavaram suas vidas e suas vestes com o sangue do Cordeiro, os 144.000 (que é um número simbólico) que seguiram ao Cordeiro manso e humilde de coração, esses são os que alcançaram a bem-aventurança eterna (Cf Apo 7,15-17).

Portanto, vimos que a humildade não é somente a mãe de todas as virtudes, mas também a “chavezinha” para entrar no Reino dos Céus, por ser uma virtude predominante em Cristo, que nos presenteia com a vida eterna.

Neste domingo do Batismo e da humildade do Senhor, vamos pedir a humildade à Maria Santíssima, quem no Magnificat disse claramente que Deus a escolheu porque “*olhou para a humildade de sua escrava (Lc 1,48)*”; e, mais adiante, que “*derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes (Lc 1,52)*”. Quem melhor que Maria Santíssima para nos mostrar do que se trata a humildade?! Ela que, a exemplo de Cristo, viveu uma vida de humildade, com

simplicidade, com verdade, até estar presente na morte de seu Filho, para desta maneira, por sua fé, sua confiança e por graça de Deus, reobter e recuperá-Lo vivo, definitivamente, e ressuscitado para o Reino dos Céus.

Que assim seja!